

**Museus e Museologia na América Latina:
compartilhando ações para a pesquisa, a qualificação profissional
e a valorização de estratégias inclusivas**

Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS, UNIRIO/MAST

Organização

Teresa Cristina Scheiner e Marcus Granato

Rio de Janeiro, Dezembro de 2020

Do Forte do Presépio ao Parque Zoológico do Museu Paraense Emílio Goeldi: a construção do pensar sobre museus e patrimônios em Belém do Pará

Nadison Gomes de Oliveira¹, Rosangela Marques de Britto²

Introdução

Neste trabalho apresentamos comparações entre os resultados da pesquisa de dois planos de trabalho integrados ao mesmo projeto, com execução em fases distintas – um realizado em 2017 e outro em 2019. O projeto em questão, intitulado “Noções nativas de patrimônio cultural e ambiental musealizado no espaço urbano em Belém do Pará” (Britto, 2017), foi previsto para execução em três anos, com início junho de 2017 e conclusão em julho de 2020. Este projeto vem sendo viabilizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) e a Universidade Federal do Pará (UFPA), através do Instituto de Ciências da Arte (ICA), realizado por duas subunidades filiadas ao ICA, sendo: Programa de Pós-Graduação em Artes e Faculdade de Artes Visuais, que mantém na sua estrutura acadêmica cinco cursos de graduação, dos quais destaco os que estão integrados ao projeto de pesquisa: o Curso de Bacharelado em Museologia e os Cursos de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais, unidades acadêmicas às quais os autores deste artigo têm ou tiveram vínculo institucional.

Na primeira parte do artigo apresentamos as questões teórico-empíricas que subsidiaram a realização de dois planos de trabalho que compõem as etapas da pesquisa “Noções nativas de patrimônio cultural e ambiental musealizado no espaço urbano em Belém do Pará”, tendo sido realizadas as etapas de pesquisa bibliográfica e de campo em/sobre dois *loci* de estudo, respectivamente, os museus situados nos bairros da Cidade Velha e São Brás na cidade de Belém³, capital do Estado do Pará⁴, localizado na Região Norte do Brasil⁵.

¹ Curso de Museologia, Universidade Federal do Pará. E-mail: oliveiranadison@gmail.com

² Arquiteta – UFPA e Artista Plástica. Mestre em Educação: Ensino Superior e Gestão Universitária pela Universidade da Amazônia –UNAMA (1998); Mestre em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS, UNIRIO/ MAST (2009). Doutora em Antropologia – PPGA/IFCH/UFPA (2014). Docente e pesquisadora, UFPA. Professora, UFPA – Curso de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais (ICA). E-mail: rosangelamarquesbritto@gmail.com

³ A cidade de Belém, fundada por colonizadores portugueses em 12 de janeiro de 1616, é formada por uma porção continental, que corresponde a 34,36% da sua área total; e uma porção insular composta por 39 ilhas, que equivale a 65,64% do território municipal. A sua população é estimada em 1.492.745 habitantes (IBGE, 2019), distribuídos por 71 bairros e oito distritos administrativos, conforme a Lei Municipal nº 7.682, de 12 de janeiro de 1994.

⁴ O Pará possui uma população estimada de 8.602.865 pessoas (IBGE, 2019), sendo o segundo estado em tamanho, menor que o Amazonas e possui 144 municípios.

⁵ Belém capital do estado do Pará, situa-se na Amazônia Oriental, composto pelos Estados do Pará, Amapá e Tocantins. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), a região norte tem aproximadamente 42 museus, sendo que 26 concentram-se na capital do estado. É importante destacar que dentre as 5 regiões brasileiras, o Norte está no último lugar, com 146 museus, conforme dados referentes ao Cadastro Nacional de Museus realizado pelo IBRAM, em 2010 (Museus em números/IBRAM, 2011).

Na segunda e na terceira parte do artigo reportamo-nos aos processos de coleta de dados qualitativos, em três processos distintos: 1) o estudo bibliográfico e de imagens referentes à historicidade do lugar; 2) a observação participante/flutuante nos *loci* de estudo; 3) realização de entrevistas logo após a observação dos visitantes, adotando como critério de escolha o nível de participação ou interação dos visitantes em relação aos espaços e às exposições.

Os visitantes foram agrupados em dois tipos de público: real ou potencial. Segundo Teresa Scheiner (1996), no conceito de público real podem ser considerados os visitantes habituais ou ocasionais, enquanto o público potencial é constituído por pessoas não-motivadas ou marginalizadas que não usufruem do espaço museológico.

No momento “1”, iniciamos com um levantamento bibliográfico de jornais e pesquisa de imagens no arquivo de uma instituição, com o intuito de conhecer melhor a historicidade dos museus em estudo e a elaboração de duas cronologias de fatos e atos mais significativos destas instituições, e que fazem parte dos processos de constituição das camadas de atribuição de valores de diversas naturezas referentes à patrimonialização e à musealização destes “lugares de memórias” (Nora, 1993), em espaços e tempos diferenciados.

No momento “2”, pretendeu-se investigar a preferência ou comportamento das pessoas nos espaços pré-definidos para observação, sendo considerada a relação das pessoas, tanto na área externa quanto interna dos museus estudados, verificando, ao final, os locais de maior permanências dos visitantes. Assim como, as diversas e plurais maneiras de apropriação do público em relação ao patrimônio. Neste momento, também, a partir do acompanhamento das pessoas nos espaços, por intermédio da observação flutuante aprofundamos as práticas de sociabilidades⁶ no território dos museus, buscando compreender os comportamentos em relação a paisagem e sobre o circuito expositivo *in situ*. Assim como, os usos das pessoas em relação aos equipamentos expográficos e dos mobiliários presentes no sítio histórico do Forte do Presépio⁷ e no Parque do Museu Paraense Emílio Goeldi⁸.

O momento “3” visou compreender as noções nativas do que seria patrimônio e museus, assim como buscamos interpretar os lugares, objetos ou as ações a que estas noções se aplicam nas práticas socioculturais das pessoas, no seu cotidiano de vida (lazer ou tempo livre) e de trabalho. Neste sentido, ordenamos como método e instrumental a coleta de relatos de memórias dos visitantes *in loco*, tendo como referente um roteiro de entrevista semiestruturado, com um tópico guia.

⁶ George Simmel (1858-1918) reporta-se a sociedade, como “a modalidade de interação entre indivíduos: o processo geral e os processos gerais de associação” (Simmel apud Frúgoli Junior, 2007, p.9). Este conceito foi ampliado pela Antropologia à vida urbana, que privilegia a prática etnográfica, assim como, volta-se a explicitar como objeto de pesquisa, uma condição relacional e situacional, como processo de pesquisa (Frúgoli Junior, 2007)

⁷ A história do Forte do Presépio se inicia em 1616, pois foi o período em que os colonizadores chegaram na região e demarcaram a área onde se localiza a edificação, no entanto seu tombamento pelo instituto do patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) ocorreu no sec. XX e o espaço foi aberto para público com o museu em seu interior em 2002 (PARÁ, 2006).

⁸ Criado em 1866 como sociedade “filomática”, denominado como Museu paraense, em 1866; em 1931, como Museu Paraense Emílio Goeldi. O Parque Zoobotânico foi criado em 1895 na gestão de Emílio Goeldi (1859-1917), nota-se que sua constituição foi lenta, finalizando em 1912, na configuração de espaço físico que ocupa um quarteirão do bairro (Sanjad, 2010).

Questões teórico-empíricas da pesquisa e os *loci* do estudo

O objeto de pesquisa do projeto “Noções nativas de patrimônio cultural e ambiental musealizado no espaço urbano em Belém do Pará” refere-se à compreensão da atribuição de valores dos diversos e plurais grupos sociais ao patrimônio cultural e ambiental musealizado em três bairros de Belém: Cidade Velha, São Brás e Marco, para o mapeamento das noções nativas de museu e patrimônios nestes três territórios, que têm em comum, serem museus com espaços abertos no seu entorno, composto por uma área de jardim, parque ou bosque, configurando-se como museus tradicionais, com coleções de objetos e dois deles com espécies vivas, fauna e flora da Amazônia paraense. O Jardim Botânico Bosque Rodrigues Alves⁹, criado em 1883; o Parque Zoobotânico do MPEG, implantado em 1895; o Espaço Cultural Casa das Onze Janelas, voltado para Arte Contemporânea e o Museu do Encontro, sítio histórico do Forte do Presépio, voltado para a Arqueologia, ambos integrantes do Núcleo Cultural Feliz Lusitânia, inaugurados em 2002.

O primeiro território de análise pesquisado no plano foi o Forte do Presépio e o seu museu (Museu do Encontro) (Figura 1), localizado no bairro da Cidade Velha, no Centro Histórico de Belém. O segundo, pertencente à segunda fase, foi o Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi e seu salão de exposições (conhecido como “Rocinha”¹⁰)(Figura 2), localizado na Avenida Magalhães Barata, no Bairro de Nazaré. Ambos os patrimônios têm origem secular, situados no meio urbano, fazendo parte do cotidiano dos residentes da cidade.

Figura 1: O Forte do Presépio, demarcado em vista aérea, com o sítio histórico de fundação da cidade e a relação deste com o Museu de Arte Sacra, em primeiro plano, à direita; o Espaço Cultural Casa das Onze Janelas; à esquerda; e à frente, a Praça Frei Caetano Brandão ou “Largo da Sé”.

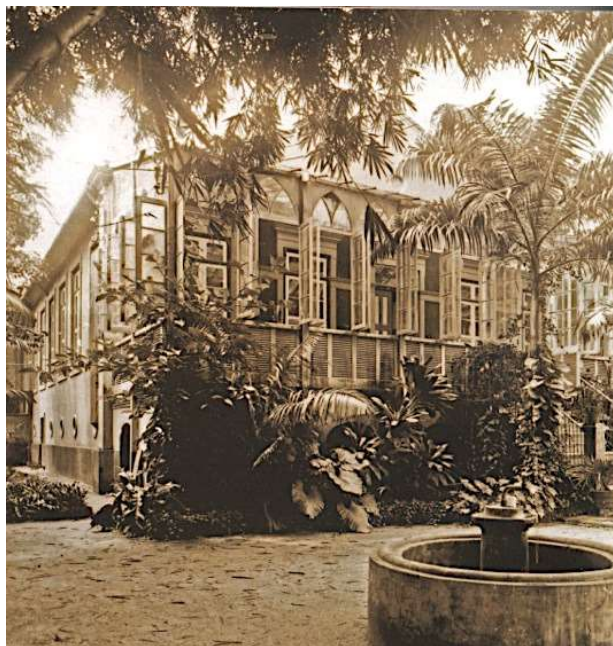


⁹ O Bosque Rodrigues Alves, nomeado como Jardim Botânico da Amazônia em 2002, foi criado em 1883, como Parque Municipal, em uma área de 15 hectares (<http://www.belem.pa.gov.br/semma/bosque/>).

¹⁰ A rocinha do Parque Zoobotânico foi construída em 1879 (Soares,1996), como um tipo de habitação familiar usada para temporadas de repouso, característica de Belém, que associava o conforto de uma vida urbana aos elementos rurais. A rocinha foi preservada e atualmente abriga as exposições temporárias do museu, nomeada como Pavilhão Domingos Soares Ferreira Penna (1866-1884), em homenagem ao primeiro diretor do Museu Goeldi.

Foto: João Ramid, 2002. Fonte: SECULT/PA

Figura 2: “Rocinha” adquirida em 1895 pelo governo do estado do Pará para abrigar a sede do Museu Paraense de História Natural e Etnografia, criado em 1866



Fonte: Arquivo Guilherme de La Penha, Coleção Fotográfica do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Pará, Brasil

A metodologia aplicada nos planos de pesquisa foi similar, seguindo os parâmetros de uma pesquisa de campo, tendo o arranjo empírico-teórico que se constitui na interface do campo disciplinar da Museologia com a Antropologia. Na perspectiva da Museologia, refere-se ao estudo investigativo de público, de cunho qualitativo, para entender a relação público/museu (ver Eidelman et al., 2014; Marandino et al., 2009; Mairesse, 2007; Studart et al., 2003). O público no ternário dos elementos que compõem a concepção de museu tradicional se dá na relação: público, prédio e coleção. O termo público, como substantivo, refere-se ao conjunto de usuários do museu, ou seja, o público dos museus, associando-se à atividade do museu. Essa expressão amplia-se à medida que a própria concepção de Museu se expande, a partir da década de 70 do século XX, após a declaração de Santiago do Chile, definindo o museu como uma instituição “a serviço da sociedade e seu desenvolvimento” (Desvallées & Mairesse, 2013).

O ternário dos elementos na concepção do museu de território envolve a expansão da dimensão de público ao de sociedade e os demais elementos do prédio ao de território, e o de coleção ao de patrimônio. Nesta acepção, a sociedade reporta-se ao grupo humano como um agregado de pessoas, no qual se estabelece um sistema de relações e trocas que se diferencia de comunidade, que é um grupo de pessoas que compartilham pontos comuns (Desvallées & Mairesse, 2013).

Numa perspectiva dos estudos da Antropologia, reportamo-nos a Alfred Schutz (2012), quando se refere aos significados subjetivos da participação de uma pessoa em sua sociedade, que brotam dos empreendimentos da conduta de qualquer indivíduo no mundo da vida. Neste universo vivido existem várias situações experienciadas entre indivíduos que se encontram em momentos biograficamente determinados, ou seja,

relacionados aos seus projetos individuais e coletivos. Assim, a rua ou qualquer outro elemento urbano definido geometricamente por um urbanista, é transformada em um espaço do bairro vivido como lugar, por suas práticas de sociabilidades e pelos relatos de memórias das experiências de uso das formas urbanas nele presentes. Essas ações são interpretadas como experiências particulares que articulam determinados territórios urbanos (ruas, casas, museus, praças, mercado, dentre outros), a partir das “províncias de significados” (Schutz 2012) de seus atores sociais.

Neste sentido, a proposta geral da pesquisa foi articular uma geografia poética do espaço, a partir da geografia do sentido literal dos indivíduos e grupos sociais urbanos através dos relatos de memórias sobre os seus lugares de significados e sentidos cotidianos nos espaços dos museus em seus respectivos bairros, nas múltiplas e heterogêneas áreas de moradias, comércio, serviços e de lazer, que integram as diversas redes de consumo cultural na cidade de Belém.

Este patrimônio histórico musealizado no meio urbano, em geral apresenta-se como resultado da política estatal de preservação da memória e do patrimônio internacional, nacional e regional, relacionado a processos diferenciados de patrimonialização e musealização dos bens culturais tangíveis e intangíveis. Os museus instalados em prédios de valor histórico adaptados para esta função ou em edificações constituídas para tal fim, representam lugares de múltiplos saberes e práticas, envolvendo uma diversidade de profissionais de distintas áreas do conhecimento. As arquiteturas de museus no meio urbano são espaços de socialização e de aprendizagem, produtores e indutores de significados e sentidos de diversas temáticas, como também são espaços ligados a uma rede de produção, circulação e consumo artístico, estético, cultural, científico e filosófico.

A questão geral lançada ao objeto de pesquisa são: Até que ponto estes dois museus são, de fato, espaços de sociabilidades urbanas? O que significam esses patrimônios culturais musealizados para os habitués que praticam os seus entornos nos dois bairros da cidade de Belém? Qual a ideia de patrimônio cultural musealizado presente nos bairros da Cidade Velha e São Brás, a partir das narrativas sobre o cotidiano nos museus, de seus trabalhadores, moradores e do público visitante destes museus?

O momento inicial dos estudos para elaboração do plano foi o levantamento bibliográfico, no intuito de compreender as origens dos locais e a essência de suas gêneses, para interpretar quais os objetivos pensados em suas criações; a observação flutuante, com uma perspectiva aberta (Péntonnet, 2008), para compreender a movimentação de diferentes públicos, suas formas de apropriação e utilização dos espaços, devidamente registradas em diários de campo, finalizando, então, a pesquisa de público com entrevistas de cunho qualitativo com os visitantes que residem na região metropolitana de Belém. Todas as ações com intuito de contemplar o escopo do projeto de pesquisa, que é compreender as noções de patrimônios culturais e museus presentes no imaginário dos públicos e de que forma estas instituições participam ou participaram na construção das definições relatadas.

Os dados obtidos, a serem apresentados posteriormente de forma individualizada por plano de trabalho, serão comparados de forma a apresentar os “prós” e “contras” identificados, tomando como base a definição de museu vigente, visando contribuir para o conhecimento sobre o perfil do pensar em patrimônios e museus na grande Belém.

Neste caso, adotamos as definições de museu e patrimônio culturais ainda difundidas no âmbito nacional, sendo estas:

De acordo com a Lei N° 11.904 de janeiro de 2009, podem ser considerados museus

As instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009).

O conceito de patrimônio cultural, segundo Evelina Grunberg (2007),

São todas as manifestações e expressões que a sociedade e os homens criam e que, ao longo dos anos, vão se acumulando com as das gerações anteriores. Cada geração as recebe, usufrui delas e as modifica de acordo com sua própria história e necessidades. Cada geração dá a sua contribuição, preservando ou esquecendo essa herança (Grunberg, 2007, p. 4).

No entanto, recentemente houve muitas discussões com relação à mudança dessas definições, principalmente de museus, pois muitas características recorrentes na atual conjuntura sociocultural mundial, questões como descolonização e representatividade não faziam parte do escopo apresentado anteriormente (Ribeiro, 2019), o que gerou divergências nas tentativas de estabelecimento do novo conceito na reunião ocorrida em Kyoto, no Japão, em 2019. Devido a isto devemos levar em consideração estes aspectos para entender melhor o pensamento dos públicos de museus e de que forma as investigações podem auxiliar para que haja uma relação mais próxima entre as pessoas e os museus, de acordo com o fato Museal difundido por Waldisa Russo Camargo Guarnieri (1990).

Primeira Fase: Forte do Presépio e Museu do Encontro

A pesquisa no Forte do Presépio ocorreu entre outubro de 2017 a agosto de 2018, que produziu os resultados referentes ao plano de trabalho “Museu do Forte do Presépio (Museu do Encontro): práticas de sociabilidade dos grupos sociais urbanos com esse ‘Lugar de memória’, patrimônio cultural musealizado do bairro da cidade velha em Belém (PA)” (Oliveira, 2017). Durante esse período, inicialmente realizamos pesquisas bibliográficas para conhecer a história do espaço, a motivação da sua construção, as propostas para o grande público e as relações prévias que os residentes da região tinham com o local. A partir das informações coletadas estabelecemos pontos para a observação do público flutuante no Forte, priorizando, então, reconhecer os tipos de visitantes presentes no local, as suas principais atividades no território e suas formas de apropriação do espaço. Neste meio tempo, ainda tivemos reunião com a coordenação do setor educativo do Sistema Integrado de Museus e Memoriais¹¹ (SIMM), órgão que rege a instituição em pauta, a fim de compreender, ao menos parcialmente, o funcionamento das ações

¹¹ O SIMM é um órgão vinculado à Secretaria de Cultura do Pará, existente desde 1999. O Sistema é responsável pela administração de várias instituições museológicas em Belém do Pará, quais sejam: O Forte do Presépio, Museu de Arte Sacra, Museu do Círio, Museu da Imagem e do Som, Museu do Estado do Pará, Museu de Gemas, Memorial da Navegação e Memorial do Porto.

educativas no espaço e como os visitantes têm acesso às informações expostas através do agendamento para visitas mediadas. As entrevistas ocorreram no mês de julho 2018, totalizando 12 pessoas entrevistadas. A abordagem foi feita *in loco* com alguns visitantes que atendiam aos padrões pré-estabelecidos (residirem em Belém ou em sua região metropolitana ou terem visitado o museu mais de uma vez, assim como foi observado o comportamento desses visitantes nos espaços do museu); foram aplicados roteiros de entrevistas semiestruturadas, de cunho qualitativo e organizado por tópicos guias (Gaskell, 2008). Devido à abordagem direta ocorrida no local, a quantidade de entrevistados foi decorrente daqueles que aceitaram participar durante o período estipulado para a realização das entrevistas.

A história do Forte do Presépio se inicia juntamente com a história da própria cidade de Belém/PA, pois foi o primeiro território demarcado pelos colonizadores ao chegarem na região, em janeiro de 1616, por ser um ponto estratégico, possibilitando o controle da entrada e saída de embarcações no vale amazônico (PARÁ, 2006) (Figura 1). Por este motivo, o espaço também é reconhecido como o *marco inicial* da cidade, pois foi o ponto de partida para a sua formação urbana. O contato entre os europeu e indígenas nativos da região não foi marcado por confrontos físicos (Cardoso, 2013). No entanto, não se pode descartar a ideia da inexistência de conflitos de interesses, pois não tardou para haver uma revolta indígena contra os portugueses no ano de 1619, liderada pelo cacique Guaimiaba, caracterizado como o primeiro levante dos povos nativos contra os colonizadores, resultando em aproximadamente 12 horas de batalha, que teve seu fim com a morte do cacique (PARÁ, 2006).

Figura 3: Vista do Museu do Forte do Presépio, composto pela exposição permanente e o sítio histórico demarcado pelos portais; ao fundo o Espaço Cultural Casa das Onze Janelas e a paisagem

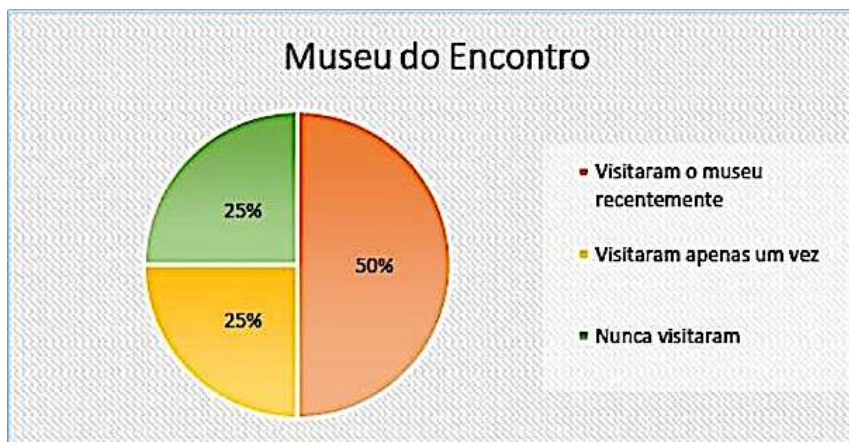


Foto: João Ramid, 2002. Fonte: SECULT/PA

Posteriormente, o espaço passou por vários tipos de utilização, algumas que podemos evidenciar foram como hospital militar, aquartelamento dos cabanos e sede do Círculo Militar em Belém. Em 1964, o espaço foi tombado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional) como parte do conjunto que constitui o Núcleo Feliz Lusitânia, registrado no Livro arqueológico, etnográfico e paisagístico, no processo 0739-T-64 (BRITTO, 2009), marcando, assim, a passagem do patrimônio para o âmbito do Estado. Posteriormente, foi incluído no projeto de revitalização urbana denominado “Feliz Lusitânia”, que tinha o intuito de restaurar locais de grande importância na colonização da região. No final dos anos 1990 e início dos anos 2000, o espaço passou por um processo de restauro e investigações arqueológicas que possibilitaram a criação do museu em seu interior, que conta com uma exposição de longa duração composta por várias peças arqueológicas encontradas no local. Em 2002, o Forte do Presépio foi aberto ao público e, até o momento o espaço não sofreu grandes alterações desde a sua inauguração e continua atraindo muitos visitantes. O processo de restauro resultou em consideráveis modificações no prédio, que outrora era identificado como Círculo Militar, ocasionando estranhamentos por parte da comunidade (LOPEZ, 2011), pois fazia parte do cotidiano das pessoas da região pelos eventos que sediava anteriormente, que foram lembrados por alguns entrevistados nesta pesquisa.

As observações no Forte ocorreram de dezembro de 2017 a janeiro de 2018 e, através da experiência em campo, percebemos que grande parte do público real é composta por jovens. O local é muito procurado para o lazer e práticas de sociabilidade (como reuniões entre amigos, confraternizações e namorar), mas, principalmente, para a produção fotográfica, seja de cunho profissional, como cenário de fotografias para *books* de formatura, debutantes, gestantes entre outros, assim como de fotografias pessoais, as *selfies* - tornando o Forte e suas paisagem “palcos” para momentos importantes de suas vidas, um recorte de suas realidades (BASTOS, 2011), transformando o produto dessas ações em elementos de rememoração do momento e, conseqüentemente, do espaço.

Com relação às noções de patrimônio cultural e museus, através dos relatos dos 12 entrevistados que tinham idades entre 20 a 47 anos, percebemos que a ideia que a maioria apresentou (75%) está ligada com espaços historicamente importantes, dentre os exemplos apresentados estão as praças e edifícios antigos, o restante (25%) não soube definir estes conceitos. Ao questionarmos sobre a representatividade do Forte do Presépio em suas vidas não obtivemos respostas negativas, sendo apresentados vários relatos, principalmente da infância por parte dos jovens; as pessoas de mais idade lembravam do Círculo Militar e das festas que ali ocorriam. Um ponto curioso que devemos apontar é o fato de que mesmo todas reconhecendo o patrimônio como seu, ressaltando a ressonância da comunidade com o patrimônio pertencente a elas (GONÇALVES, 2005), não foram todas que tiveram uma experiência completa no local, segundo mostra o Gráfico 1. Algumas pessoas (25%) demonstraram total desconhecimento do museu em seu interior e outras (25%) não tinham interesse em retornar ao museu. O gráfico 1 demonstra a relação de entrevistados que visitaram o Museu do Encontro recentemente (considerando-se o período em que as entrevistas foram realizadas) e mais de uma vez, somente uma vez ou nunca visitaram. Dos 12 entrevistados, seis tinham visitado no mesmo dia da entrevista, três relataram que visitaram apenas uma vez e os três restantes nunca visitaram o espaço por motivos diferenciados.

Gráfico 1: Relação de entrevistados que visitaram recentemente o Museu

Plano de trabalho: Museu do Forte do Presépio (Museu do encontro): Práticas de Sociabilidade dos grupos sociais urbanos com esse “Lugar de memória”, patrimônio cultural musealizado do bairro da cidade velha em Belém (PA)

Fase 2: Parque Zoológico do Museu Paraense Emílio Goeldi e seu Salão de Exposições (a Rocinha)

A pesquisa no Parque Zoológico do Museu Paraense Emílio Goeldi e no seu salão expositivo ocorreu entre outubro de 2018 e agosto de 2019, que faz parte da segunda fase do projeto de pesquisa, mais especificamente no plano de trabalho “Museu Paraense Emílio Goeldi - estudo de público dos visitantes ocasionais e os habitués da Rocinha (exposições temporárias)” (OLIVEIRA, 2018). A organização e as etapas de pesquisa foram semelhantes ao plano de trabalho anterior, iniciando com um levantamento bibliográfico, no intuito de conhecer melhor a história da referida instituição desde o período inicial. Posteriormente, delimitamos as áreas para observação no Parque, pois, devido à sua extensão uma observação completa mostrava-se pouco prática, como também observamos a movimentação do público nas exposições existentes no espaço expositivo no período da pesquisa, em que as observações ocorreram no mês de janeiro e fevereiro de 2019. Finalizamos a pesquisa de campo com entrevistas de cunho qualitativo, estabelecendo tópicos guias de acordo com as observações feitas no período. No total, foram entrevistadas 14 pessoas, sendo duas delas categorizadas como público potencial, neste caso, são profissionais que trabalham no local (fotógrafos).

A idealização do Museu teve seu início em 1860, no entanto, apenas em 1866 foi criada a Associação Filomática, liderada por Domingos Ferreira Penna (1818-1888), que tinha o intuito de tornar real a ideia de criar uma instituição que possibilitasse comunicar ao público da região as pesquisas etnográficas e biológicas feitas na Amazônia. Assim, sua essência inicial era estabelecer uma instituição focada em história natural e artefatos indígenas, possibilitando aos povos da região amazônica conhecer e reconhecer elementos presentes em seu território (ver CIPRIANO *et al*, 2006).

Durante o período em que a instituição esteve sob a direção de Domingos Ferreira Penna, o Museu ocupou várias sedes, mudando constantemente de lugar e, devido a isto, havia possibilidades de fechamento do Museu Paraense (ver CIPRIANO *et al*, 2006). Em

eram mais procurados, os animais taxidermizados e objetos culturais indígenas atiçavam a curiosidade do público infantil. Com relação aos textos das exposições, poucos paravam para fazer uma leitura completa do conteúdo apresentado, no caso das famílias, as crianças, de certa forma, ditavam o roteiro que iriam acompanhar nas exposições.

As entrevistas ocorreram no mês de julho de 2019 e 14 pessoas foram entrevistadas (quantidade delimitada de forma semelhante ao plano de trabalho anteriormente apresentado), com idades variando entre 17 e 94 anos. A escolha das pessoas que se disponibilizaram a ser entrevistadas, neste caso, foi de forma aleatória, que resultou na maioria de mulheres e sua quase totalidade de mães. Nesse processo, foram criados dois roteiros de entrevistas, ambos de cunho qualitativo, sendo um para o que consideramos público real (que estavam no local para usufruir dos elementos do museu), e outro para o público potencial (pessoas que estavam no espaço a trabalho). O primeiro se manteve nos moldes do roteiro utilizado na primeira fase já descrita, enquanto o segundo tinha outras questões relacionadas às atividades que os trabalhadores exerciam.

Com relação às noções de museus e patrimônios, 42% dos entrevistados relataram aspectos voltados para a cultura e natureza, enquanto 33% acreditam que são conceitos relacionados à preservação e natureza (gráfico 2). Quanto ao reconhecimento da instituição com patrimônio pertencente a sua comunidade, não obtivemos respostas negativas. Quando questionamos sobre memórias no local, recebemos relatos voltados para as infâncias dos entrevistados ou de seus filhos. As fotografias demonstraram uma participação significativa na ação de lembrar de momentos passados. Neste caso, poucos revelaram que não tiveram acesso aos outros espaços presentes naquele território (como a Rocinha e o Aquário), apenas 3 pessoas.

Gráfico 2: Noções ativas de Museus e patrimônio cultural, segundo as respostas dos entrevistados categorizados como público real, sendo: 33% = 4 pessoas, 42% = 5 pessoas e 25% = 2 pessoas.



Fonte: Plano de trabalho: Museu Paraense Emílio Goeldi estudo de público dos visitantes ocasionais e os habitués da Rocinha (exposições temporárias). Oliveira, 2018.

Como público potencial, classificamos dois fotógrafos que atuam na entrada do Parque. Ambos apresentaram noções de museus voltadas para a natureza e reconhecem o local como seus patrimônios, pois fez e faz parte da história da vida dos mesmos. Algo interessante a se ressaltar dessas entrevistas foi o fato de permitirem verificar que os

moradores do entorno estão sempre presentes no local, pois reconhecem muitos que utilizaram e ainda utilizam seus trabalhos.

Delineamentos do pensar em patrimônios culturais e museus

Com a apresentação dos dados das pesquisas feitas, de forma sintetizada, percebemos algumas proximidades e distâncias em suas noções, principalmente pelas diferenciações das instituições e dos respectivos tempos de existência. Como semelhanças podemos considerar as duas instituições como locais de memórias, através dos relatos e da procura dos locais para registros de momentos importantes de suas vidas, como a infância por exemplo. Estes locais tornam-se repositórios de memórias afetivas, utilizando a noção de Pierre Nora (1993) na compreensão da memória como um elemento vivo que demonstra necessidade de seleção de coisas e espaços para evitar ou retardar parte importante da dinâmica da memória, que seria o esquecimento (HALBWACHS, 2006). A fotografia se mostrou uma ferramenta de rememoração muito utilizada em ambos os casos. As fotografias profissionais no Forte do Presépio e os relatos dos entrevistados e fotógrafos no Museu Emílio Goeldi comprovam essa ideia, sendo também formas comuns de apropriação dos espaços, demonstrando que seus corpos também fazem parte do patrimônio.

O Museu Emílio Goeldi e sua forma diferenciada das demais instituições museológicas presentes na cidade de fato se mostram fortemente presentes nas noções de museus e patrimônios. A natureza, os animais e as árvores são preocupações presentes nos imaginários. Assim, a preservação, tanto dos edifícios quanto da paisagem, foi constantemente relatada; o que se mostra interessante ao pensar em diferenciações da paisagem do Forte, onde a questão histórica se mostrou superior à ambiental. O reconhecimento das instituições como seus patrimônios, ao indagar sobre a ressonância, trabalhada por Jose Reginaldo Gonçalves (2005), se mostrou presente em ambos os casos; no entanto, com o Forte do Presépio, os jovens relatavam com maior facilidade sobre sua relação com a paisagem atual da instituição, enquanto os mais velhos recordavam melhor de outros tempos do espaço, anteriormente ao seu restauro. Talvez o fato de os elementos regionais estarem presentes de forma significativa no Museu Emílio Goeldi e por um longo período, a familiaridade seja algo mais percebida pelos visitantes, tendo em vista o grande fluxo de famílias no local. Enquanto o Forte, devido à sua mudança ter ocorrido em um passado não muito distante e à procura por ressaltar elementos portugueses, estes podem ser considerados motivos para a relação diferente do público com esse espaço.

Com relação ao potencial educativo que essas instituições detêm, através das observações percebemos que são bem explorados pelos visitantes, principalmente nas exposições, e com o público infantil. No entanto, nos relatos que obtivemos, este fator se mostrou pouco presente no pensamento dos entrevistados, fator este preocupante, pois museus são espaços de educação não formal (MARANDINO, 2018). Mesmo que os espaços demonstrem múltiplos elementos comunicativos e educacionais, dúvidas e interpretações errôneas se mostraram presentes em suas falas, nos possibilitando questionar se os métodos utilizados para comunicação estão sendo eficazes ou não.

Outros pontos que não se mostraram presentes nas falas dos entrevistados, principalmente quando questionamos sobre suas noções sobre patrimônio cultural e

museu, foram menções ao caráter sociocultural e político que estes espaços detêm, assim como a representatividade das múltiplas culturas e etnias existentes no território amazônico. Mesmo quando questionados posteriormente, se acreditam que as instituições são seus patrimônios, as respostas foram positivas, falou-se muito em preservar e de sua importância histórica. Entretanto, os efeitos do cenário político ou a participação pública na existência desses espaços, que são elementos de grande importância ao pensar o patrimônio, ficaram em último plano nos relatos adquiridos.

Considerações finais

Apresentadas inicialmente as noções de museu e patrimônio cultural vigentes no território nacional, difundidas por órgãos de grande importância para os museus como o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e patrimônio cultural (Instituto do Patrimônio Histórico e artístico Nacional (IPHAN), finalizaremos, então, apresentando comparações entre o conceito relatado pelos visitantes de museus e os conceitos oficiais.

De certa forma, todos os relatos, ao menos os que conseguiram exprimir algo sobre os conceitos, tocam nas noções apresentadas, como a importância da conservação, a necessidade de preservação e seus valores históricos. Outros elementos, que não foram exatamente relatados, estão presentes em suas ações e apropriações do espaço, como levar os filhos para utilizarem os espaços e estabelecerem memórias, passando assim o conhecimento para as próximas gerações e a utilização dos espaços que estão a serviço da sociedade.

Como já explanado anteriormente, muitos elementos deixaram de ser citados, talvez por um déficit na educação sobre museus e patrimônios nas escolas ou, simplesmente, por falta de interesse em apreender tais conceitos. Fatores esses já esperados, pois, conforme o trabalho de Luciana Costa & João Brigola (2014) a ação de visitar museu não é algo presente no itinerário das pessoas, principalmente dos jovens, pelo menos não nas instituições presentes em suas próprias comunidades. Entretanto, em território estrangeiro, a visita a museus é um ato recorrente. No entanto, nunca foi nossa função julgar os visitantes por não apresentarem de forma eloquente estes conceitos, muito pelo contrário, suas experiências, sejam quais forem, são importantes da mesma forma. Os pensamentos dos públicos sobre museus e patrimônios estão ligados de forma mais intensa no campo sensorial, nas memórias, em momentos de suas vidas e de seus semelhantes naqueles locais de memória, havendo, assim, a ressonância com o patrimônio, mesmo que de maneiras diferenciadas, de acordo com cada espaço.

Até o momento de elaboração deste trabalho, o projeto de pesquisa ainda não havia sido finalizado: sua terceira fase se encontra em andamento, apresentado como objeto de estudo o Bosque Rodrigues Alves. Com os dados das fases anteriores conseguimos delinear a dimensão da representação ou dos públicos com relação a museus e patrimônios culturais. Entretanto, novas informações serão coletadas, possibilitando expandir os nossos conhecimentos sobre a importância desses espaços na vida da comunidade belenense, pois, as pesquisas de públicos, de caráter museológico principalmente, devem ser constantemente aplicadas e reconhecidas para que haja bases para a construção de museus melhores e atualizados, pois, somente com a compreensão do público pode-se saber o que fazer para atraí-los, fidelizá-los (COSTA; BRIGOLA, 2014),

aproximando as instituições do Museu integral tão discutido nos anos de 1970; e tornando, assim, mais estreita a relação público/museu, de extrema importância na composição do fato museal (GUARNIERI, 1990). Possibilitará, também, a criação de uma definição de museu mais próxima da realidade que vivemos, assim como repensar os patrimônios culturais, pois os protestos antirracistas e antifascistas no ano de 2020 demonstraram para todo o mundo a insistência no reconhecimento e mitologização de personagens de caráter duvidoso.

Referências

BASTOS, Ana Rita. A fotografia como retrato da sociedade. In: **Sociologia**. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Vol. XXVIII, 17, 2014. p. 127 – 143.

BRITTO, Rosangela Marques de. **A invenção do patrimônio histórico musealizado no bairro da Cidade Velha de Belém do Pará, 1994-2008**. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; MAST. Rio de Janeiro, PPG-PMUS: 2009. 145f.

BRITTO, Rosangela Marques de. Projeto de Pesquisa: **Noções Nativas de Patrimônio Musealizado no Espaço Urbano de Belém**. Belém: UFPA, CNPq, 2017. (Impresso).

CARDOSO, Alírio. Guerra híbrida no atlântico equinocial: índios, portugueses e espanhóis na conquista do maranhão e grão-pará (1614-1616). **História em Revista**, Goiânia, v. 18, n. 2, 24, 2013. p. 143-167.

CRISPINO, L. C. B.; BASTOS, V. B.; TOLEDO, P. M. **As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi: Aspectos Históricos e Iconográficos (1860-1921)**. Belém: Paka-Tatu, 2006.

GASKELL, George. Entrevistas Individuais e Grupais. In: Martin W. Bauer, & George Gaskell (Eds), Pesquisa Qualitativa Com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. P. 64-89.

GONÇALVES, Jose Reginaldo S. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, 21. 2005. p. 15-36.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **Memória individual e memória coletiva**. Memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2006. P. 29-70.

LOPES, R. C. S. “Indigitado Estrupício”: Arqueologia e significados acerca do muro do Forte do Presépio (Belém, PA). **Amazônica** 3 (2), 20, 2011. p. 370-390.

MARANDINO, Martha. (2018). Educação não formal. In: IBRAM. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, 2018. p. 78 – 80.

MPEG. **Reencontros: Emílio Goeldi e o Museu Paraense**. Belém, MPEG, 2006.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. **Proj. História**, São Paulo, 21, 1993. p. 07-28.

OLIVEIRA, Nadison G. de. Relatório do Plano de Trabalho - Museu do Forte do Presépio (Museu do encontro): Práticas de Sociabilidade dos grupos sociais urbanos com esse ‘Lugar de memória’, patrimônio cultural musealizado do bairro da cidade velha em Belém (PA). In: BRITTO, Rosangela Marques de. Projeto de Pesquisa: **Noções Nativas de Patrimônio Musealizado no Espaço Urbano de Belém**. Belém: UFPA, CNPq, 2017 (Impresso).

OLIVEIRA, Nadison G. de. Relatório do Plano de Trabalho - Museu Paraense Emílio Goeldi estudo de público dos visitantes ocasionais e os habitués da Rocinha (exposições temporárias. En BRITTO, Rosangela Marques de. Projeto de Pesquisa: **Noções Nativas de Patrimônio Musealizado no Espaço Urbano de Belém** (2ª fase). Belém: UFPA, CNPq, 2018 (Impresso).

PARÁ. Secretaria Executiva de Cultura do Estado. Feliz Lusitânia/Forte do Presépio – Casa das Onze Janelas – Casario da Rua Padre Champagnat – Belém: SECULT, 2006.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. [Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009.](#)

PÉNTONNET, Collete. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. **Antropolítica**, Niterói, 13, 2008. p. 99 – 111.

SANJAD, Nelson Rodrigues. A Coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República, 1866-1907. Tese (Doutorado em História das Ciências da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz - Rio de Janeiro, 2005.

SCHEINER, Teresa Cristina M. Definição de Público. **Caderno de Textos - Disciplina Museografia III**. Planejamento de Exposições. Rio de Janeiro: UNIRIO/CCH/Escola de Museologia, 1996. p.1-2.